



Universidade São Judas Tadeu

Miggy Márquez

A Necessidade Justificada das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki

São Paulo

2023

Miggy Márquez

A Necessidade Justificada das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de graduação em
Relações Internacionais da Universidade
São Judas Tadeu, como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: João Ricardo de Castro Caldeira

São Paulo

2023

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento para meu professor, orientador e, sobretudo, meu amigo: Professor João Ricardo de Castro Caldeira. Alguém que me levou sob seus ombros com uma mentalidade acadêmica que lentamente se transformou em admiração por um homem que eu via, continuo vendo e continuarei vendo na minha vida, como um indivíduo que está acima de mim em conhecimento.

DEDICAÇÃO

Dedicated to the sweet & beautiful Juno.

RESUMO

No período de 3 dias, nos dias 6 e 9 de agosto de 1945, às 8h11 e 11h, duas bombas atômicas foram lançadas sobre as respectivas cidades japonesas povoadas de Hiroshima e Nagasaki pela Força Aérea do Exército dos Estados Unidos, mediante aprovação da sessão. presidente, Harry Truman. Após a detonação, eles se tornaram a primeira e única vez em que o uso de armas nucleares foi utilizado como meio de guerra de oposição em nossa história. Marcaria o fim da Segunda Guerra Mundial, a ascensão dos Estados Unidos como superpotência militar no cenário global e o nascimento da era nuclear. Na atualidade, continua a ser um dos temas mais debatidos para acusações de crimes de guerra, genocídio, ferramentas de guerra desumanas, destruição de árvores genealógicas geracionais e muitos outros argumentos. Analisando as informações através do contexto histórico da acumulação da derrota do Japão na guerra, este artigo estuda as possíveis alternativas militares que não fossem a bomba atômica e seu apoio político ao uso das bombas por sua necessidade de realizar o ato maior de salvar o Japão e a existência da nação.

Palavras-chave: Era nuclear. Guerra de atrito. Ataque anfíbio.

ABSTRACT

Within the span of 3 days on the 6th & 9th of August in 1945 at 08:11am & 11:00am, two atomic bombs were dropped on the respective populated Japanese cities of Hiroshima & Nagasaki by the United States Army Air Force upon approval by sitting president, Harry Truman. Upon detonation, they became the first & only time the usage of nuclear weapons were deployed as means of opposition warfare in our history. It would mark the end of the Second World War, rise of the United States as a military superpower on the global stage & the birth of the nuclear age. In present time, it remains one of the most debated topics for accusations of war crimes, genocide, inhumane tools of war, destruction of generational family trees & many more arguments. Analyzing the information through historical context of the buildup of Japan's defeat in the war, this paper studies the possible alternatives that were not the atomic bomb and its political support for the usage of the bombs for its necessity to accomplish the greater act of saving Japan & the nation's existence.

Keywords: Nuclear age. Attrition Warfare. Amphibious Assault.

Introdução

Após a dupla questão da rendição da Alemanha nazista em 07 e 09 de maio de 1945 contra as Forças Aliadas, lideradas pelos Três Grandes (Estados Unidos, União Soviética e Reino Unido), o mundo começou a comemorar o que foi considerado uma vitória aliada para o mundo global. conflito que durou quase 6 anos. As Potências do Eixo, compostas pela Alemanha nazista, Império do Japão e Reino da Itália, foram consideradas uma aliança derrotada na guerra durante este período. Com a Itália a assinar a sua rendição oficial em 1943 e a Alemanha nazi sob pressão com o recente suicídio de Adolf Hitler, o Império do Japão foi o único beligerante suficientemente forte para se considerar a força permanente remanescente das Potências do Eixo. Muitos presumiram que o Japão se renderia, mas ainda não tinham emitido uma rendição oficial e, em vez disso, insistiam com a Alemanha na ideia de negociar um acordo. O Japão avaliou suas opções para ajudar seu aliado. Começaram oferecendo refúgio seguro às autoridades alemãs no Japão como meio de fuga, a fim de evitar qualquer situação em que a Alemanha se rendesse às Potências Aliadas, visto que viam a acção de rendição como uma possibilidade impensável.

O Japão, durante esse período, travava a Batalha de Okinawa, a batalha mais sangrenta da Guerra do Pacífico (EYRE, Michael A). Ceifaria o dobro do número de vidas que os americanos sofreram em baixas, mas causou dificuldades aos Estados Unidos devido à abordagem de sacrifício total do Japão, conhecida como “Tokko” ou “Tokkotai”. É mais comumente conhecido em inglês como “Kamikaze”. Com o passar do tempo, os termos japoneses foram lentamente esquecidos. Principalmente os adultos japoneses mais velhos da geração silenciosa conseguem lembrar o significado dos termos.

Essas terminologias no Japão eram o nome oficial das unidades de ataque especiais das Forças Armadas Imperiais Japonesas, conhecidas como aviadores que cometiam ataques suicidas. O ramo da unidade, fundado pelo pai Kamikaze, Takijirō Ōnishi, chamava-se Shinpū Tokubetsu Kōgekitai (神風特別攻撃隊). Quando posto em prática, referia-se a dar a vida em combate pelo Imperador como uma morte justificada para ser compensado na vida após a morte e sacrificar-se da maneira mais honrosa. Eles não eram vistos como suicídio, mas sim como atos de heroísmo e honra através

do exercício de lealdade e honra até o momento da morte. O presidente americano, Harry Truman, admitiria abertamente os seus pensamentos mais tarde sobre a forte vontade de lutar no Japão. “Apesar das pesadas perdas em Okinawa e do bombardeamento incendiário de Tóquio, os japoneses recusaram-se a render-se. O bombardeio de saturação do Japão causou danos muito mais violentos e causou de longe mais estragos do que a bomba atômica” (TRUMAN, Harry).

Devido a esta ação simbólica observada em combates terrestres e aéreos dentro das forças armadas japonesas, os Estados Unidos sofreram mais baixas do que o esperado. Eles estavam cientes de que as táticas Tokko também significavam um cenário futuro onde o Japão procurava prolongar a guerra através de sacrifícios contínuos. A rendição da Alemanha nazista em 7 de maio de 1945 mudou pouco o resultado do objetivo estratégico do Japão de continuar a guerra. Em 9 de Maio, dois dias após a rendição da Alemanha, o Japão denunciou a rendição do seu homólogo, declarando o seu próprio objectivo de defender as suas ilhas natais como uma estratégia de autodefesa contra os Aliados. Para o Japão, o resultado na Europa era agora quase irrelevante. A mentalidade do governo de acreditar em ser superior à raça japonesa e a falsa propaganda aos seus cidadãos levaram ao raciocínio de justificação ao povo para prolongar a guerra em troca de sofrimento.

À medida que os Estados Unidos avançaram em Okinawa durante este período, incluindo a vitória no Castelo Shuri em 29 de maio de 1945 (Administração Nacional de Arquivos e Registros), o golpe psicológico para os japoneses significou uma duplicação de seus planos defensivos para proteger o Imperador no cenário de um invasor estrangeiro nas suas cidades populosas, equipando os seus cidadãos para lutar como soldados. O Projeto Manhattan, nessa época, estava no auge na linha de produção de bombas atômicas em três grandes estados dos Estados Unidos: Novo México, Washington e Tennessee (registros desclassificados da Segunda Guerra Mundial). Com o aumento das tensões no que diz respeito à execução de um plano para assumir o controle do Japão, o raciocínio dos Estados Unidos de evitar uma invasão terrestre e, em vez disso, atacar o país com força total utilizando a energia nuclear tornou-se mais iminente do que nunca. Era uma questão de como o Japão reagiria ao seu apelo à rendição.

OPERAÇÃO DOWNFALL

Os Estados Unidos tinham vários planos estratégicos elaborados sobre como forçariam uma rendição incondicional do Japão. Embora existam inúmeras alternativas, a Operação Downfall surgiu a partir do planejamento do Almirante da Frota Americana, Chester Nimitz, e do General do Exército, Douglas MacArthur. Ambos os homens supervisionaram as Forças Armadas dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e organizaram a Operação Downfall em dois ataques principais ao Japão: *Operação Olímpica* (1945) e *Operação Coronet* (1946). Seria executado por forças americanas, britânicas, canadenses e australianas. A primeira chegada da invasão terrestre viria através da Operação Olímpica. Programado para lançamento a partir de 1º de novembro de 1945 com o codinome “X-Day”.

O Dia X deveria ter começado com pousos coordenados em Kyūshū que estabeleceram 3 procedimentos de pouso em várias prefeituras: *Ariake*, *Miyazaki* e *Kushikino*. Com um total de 35 praias diferentes entre as três, o Exército dos Estados Unidos colocou Kyūshū como um objetivo crucial a ser capturado, a fim de abrir caminho para a Operação Coronet, ocupando o espaço para criar bases aéreas e quartéis-generais de inteligência. A Operação Coronet foi um futuro plano de invasão de acompanhamento que se tornaria a maior campanha de assalto a qualquer país da nossa história, composta por quase 45 divisões apenas dos Estados Unidos para os desembarques iniciais e subsequentes. As divisões aliadas dos britânicos também contribuíram no apoio às tropas.

Supondo que os soldados assumissem com sucesso o controle da costa em Kyūshū, marchassem para a terra, separando-se em duas unidades e tomando duas rotas diferentes em direção às pequenas aldeias antes das cidades principais, o possível número mal calculado de vítimas estimadas variava do fator das florestas que estavam bem perto das praias que o Exército dos Estados Unidos teria que cruzar para chegar às pequenas aldeias e eventuais principais cidades da ilha. Lembrando que este grande ataque anfíbio ocorreu antes da eventual Guerra do Vietname durante a Guerra Fria, o número estimado de baixas dos Estados Unidos estava condenado a ser

mais elevado devido ao plano do Japão de exercer tanto a guerra de guerrilha como a guerra de atrito contra o seu inimigo. O ataque anfíbio previu um mínimo de 156.000 vítimas para a campanha inicial de 90 dias, estimando 175.000 no seu máximo. Este número previsto seria alterado para quase 500.000 quando se considerassem as baixas fora da batalha. Com o Japão preparado para utilizar as florestas com um estilo planeado de guerra de desgaste coordenada, esses números teriam ultrapassado os valores estimados sem sombra de dúvida.

Utilizar a estratégia ofensiva da América para a Guerra do Vietname serve como prova para apoiar tais afirmações. Embora os Estados Unidos tenham perdido cerca de 58.220 soldados na linha de fogo ao longo de duas décadas, ainda é uma percentagem muito baixa em comparação com as mortes vietnamitas e a guerra que durou uma década. No total, apenas 4% de todas as mortes na guerra do Vietname foram causadas pelas tropas dos Estados Unidos. O argumento é a duração. O que veio a ser uma interferência em retaliação à alegação de propagação do comunismo dentro da Teoria do Dominó, a guerra do Vietnã é o exemplo do que acontece quando você envia tropas, independentemente da força, mão de obra e capacidade financeira que você possui, para combater uma insurgência em que o inimigo usa o seu território para estabelecer uma defesa de estilo guerrilheiro, como os norte-vietnamitas conseguiram. Sem dúvida, teria estendido a campanha japonesa por mais dois anos ou mais, visto que os Estados Unidos tinham a Operação Coronet marcada para ser lançada quase em meados de 1946. Esta foi, obviamente, a data da invasão, presumindo que os desembarques anfíbios em Kyūshū em novembro ocorreram conforme o planejado. Quaisquer complicações ou cancelamento de planos teriam atrasado a guerra, exatamente o que a administração Truman e o próprio presidente estavam a evitar.

Reuniões frequentes entre os comandantes do exército e o presidente Truman foram realizadas repetidamente ao longo dos meses de junho e julho para tratar das preocupações das tropas. O General do Exército George C. Marshall, Chefe do Estado-Maior do Exército, expressou a desaprovação dos planos de invasão de MacArthur e como sua estimativa de baixas era preocupante para o Presidente Truman. MacArthur continuou a insistir na invasão, usando os números do Dia D e a

proporção de soldados americanos para japoneses. Mas para o resto dos comandantes, os números de MacArthur não eram confiáveis. Truman, nublado por dúvidas e pressão sobre uma decisão final, descobriu pelas notícias do teste bem-sucedido da bomba atômica no Novo México nessa época. Os resultados positivos provariam apontar uma forma de fuga no que diz respeito à responsabilidade de Truman, caso as operações de desembarque tivessem custado mais vidas do que o previsto e o encargo financeiro que carregaria sobre os seus gastos federais anuais. Em resumo, a decisão de cancelar a Operação Downfall e optar pelas bombas atômicas veio de três razões principais:

Em primeiro lugar, o custo e a grande perda estimada de vidas previstas no resultado final da operação. O gabinete do Secretário de Guerra dos Estados Unidos estimou que a invasão do Japão resultaria no custo estimado de 1,7 a 4 milhões de mortes de americanos para a realização da operação. Também foi estimado que 5 a 10 milhões de vidas japonesas seriam perdidas (SHOCKLEY, William 1945). Essas estimativas foram de acordo com as vidas perdidas em grandes batalhas anteriores, onde ocorreram pesadas baixas, como as batalhas da Operação Overlord e da Guerra do Pacífico. Um estudo de vítimas em batalhas usado para estimar um número aproximado veio da Batalha de Okinawa. As baixas de prisioneiros de guerra também foram contabilizadas, pois era sabido que o Japão executaria quase 100.000 soldados aliados se os Estados Unidos lançassem o seu ataque. Após uma revisão cuidadosa das estimativas, tanto das previsões quanto da negligência estratégica de todos os planos, a administração de Truman foi pressionada a aprovar ambas as operações. O presidente Truman aprovaria apenas a Operação Olímpica.

Nos tempos atuais, muitos não conseguem perceber o poder que este plano tinha em termos de mão de obra e morte que iria causar, razão para entender por que Truman era cético em relação a esses planos e voltou a apoiar as bombas atômicas. A equipe de gabinete de Douglas MacArthur previu cerca de 105.000 vítimas americanas na Operação Olímpica nos primeiros 3 meses. Dividida em um período de tempo mais curto, a contagem estimada permaneceu em torno de 1.100 vítimas americanas por dia. Isto não incluiu vítimas britânicas, australianas ou canadenses. Com uma

estimativa precisa desconhecida e todos os números sendo estimativas baseadas em outras batalhas, as baixas durante a guerra eram apenas previsões não confiáveis contra o número e a força do inimigo não totalmente conhecidos (CORRELL, John, 2009). Neste caso, os Estados Unidos estavam a subestimar os gastos que resultariam para acabar com esta guerra com botas no terreno.

Os Estados Unidos foram o país que, até então, gastou a maior quantia de dinheiro na defesa nacional federal durante a Segunda Guerra Mundial, com 340 mil milhões de dólares. Só em 1943 e 1944, 40% do PIB foi apenas para a defesa nacional (Bureau of Economic Analysis). Mais tarde, eles gastariam mais US\$ 2 bilhões em financiamento de danos. Em comparação entre os “três grandes”, o Reino Unido gastou 120 mil milhões de dólares e o seu homólogo Canadá gastou 15 mil milhões de dólares. A Operação Downfall, embora não exista uma estimativa monetária precisa disponível, seria tremendamente dispendiosa para os Estados Unidos em termos de danos infra-estruturais, perda de pessoal e outras despesas militares. A construção secreta das bombas atômicas, também conhecida como Projecto Manhattan, tinha 130.000 trabalhadores e um orçamento de gastos de 2,2 mil milhões de dólares (24 mil milhões de dólares nos tempos atuais). Apesar dos planos para invasões terrestres, as bombas atômicas estavam sendo seriamente consideradas. Em 16 de julho de 1945, a primeira explosão nuclear ocorreu no campo de bombardeio de Alamogordo, conhecido como Trinity Site, no estado do Novo México (Projeto Manhattan do Departamento de Energia). A detonação demonstrou o sucesso da criação da primeira bomba nuclear do mundo. Seria o principal ponto de viragem para convencer o Presidente Truman de que o lançamento de uma bomba sobre uma cidade não bombardeada no Japão criaria o cenário perfeito para pressionar o Japão a uma rendição total e incondicional.

Em segundo lugar, eram conhecidos os planos de desembarque anfíbio dos Estados Unidos no Japão. A Operação Downfall designou duas áreas principais onde as Forças Aliadas chegariam: Kyushu e Kantū. Esses espaços de pouso foram corretamente previstos pelo Japão por serem as únicas áreas adequadas para zonas de invasão que apoiam centenas de milhares de soldados coordenados para desembarcar. Foram planejadas 30 divisões para a operação apenas nos Estados

Unidos (divisões divididas por fases de ataque em diferentes locais). Para contextualizar, cada divisão continha entre 12.000 e 25.000 soldados americanos, tornando a maioria das praias íngremes do Japão inadequadas para um desembarque anfíbio. O Japão também estava ciente de que os Estados Unidos eram céticos em relação ao seu próprio plano de invasão, sabendo que os Estados Unidos buscavam o caminho mais rápido para sair da guerra devido aos seus altos custos e taxas de baixas que prejudicariam o apoio público à guerra em seu país se resultados positivos não foram realizados logo. Isto fez com que o Japão acreditasse fortemente numa defesa total, armando o seu povo e procurando prolongar a guerra por mais alguns anos se os Estados Unidos não estivessem dispostos a estabelecer a paz com o Japão, com o objectivo de cansá-los.

Os Estados Unidos não podiam arriscar prolongar o tempo da guerra e envolver-se num conflito que resultaria numa vitória inevitável, mas com reveses que poderiam manchar a reputação do próprio país. Uma vitória limpa e rápida foi muito favorável ao presidente Truman e à sua administração. Telefonemas de apoio de vários políticos, principalmente do senador Richard Russell da Geórgia, que ligou para o presidente Truman para encorajá-lo a usar quantas bombas atômicas fossem necessárias no Japão depois que as duas bombas foram lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki. “Use essas bombas e se acabar, use bombas convencionais. Bombardeie os japoneses até que não reste nada.” (RUSSELL, Richard, 1945). Truman responderia: “Para mim, certamente lamento a necessidade de exterminar populações inteiras por causa da “teimosia” dos líderes de uma nação e, para sua informação, não farei isso a menos que seja absolutamente necessário.” (TRUMAN, Harry, 1945). O Presidente Truman confirmou legitimamente as suas intenções de bombardear o Japão para fins estratégicos e definiu o caminho da sua nação para fins estratégicos e não para uso simbólico, para não abrir mais considerações aprofundadas com vingança mal intencionada pelas atrocidades cometidas pelos japoneses durante a guerra.

A terceira e última influência foram os próprios planos da União Soviética, envolvendo planos de invasão ao Japão. Durante este tempo, a União Soviética não tinha os recursos necessários, tanto militares como pessoais, para realizar um ataque

anfíbio muito parecido com os planos dos Estados Unidos na Operação Downfall, mas possuía planos para declarar guerra ao Japão e executar uma invasão antecipada em as ilhas da Manchúria em agosto. Isto pressionou os Estados Unidos a repensar as datas de execução, dado que o Presidente Truman ficou sob pressão para tranquilizar a população americana de que os sacrifícios e esforços dos seus soldados levariam o Japão de joelhos a uma tomada total do controlo das ilhas, ao mesmo tempo que na corrida como uma potência global para mostrar tanto à União Soviética como ao mundo a sua superioridade política. Com o Projeto Manhattan produzindo bombas suficientes que Truman procurou usar para encerrar a guerra e testes bem-sucedidos no Novo México, parecia que a decisão de Truman havia sido tomada nesta fase de julho, 2 semanas antes de as bombas serem lançadas.

OPERAÇÃO ONE HUNDRED MILLION

À medida que as tentativas de estabelecer um acordo de paz com os Estados Unidos falharam, o Japão promulgou o plano para o qual há muito vinha se preparando e à sua população. No que se tornou a causa do lançamento do bombardeio atômico sobre Hiroshima e Nagasaki, o Japão lançou o plano de defesa Ketsu-Go (Operação Decisiva). O plano estratégico de defesa foi dividido em fases, com responsabilidades divididas entre todos os ramos das Forças Armadas Imperiais, que incluíam Exército, Marinha e Força Aérea (Departamento do Exército). Começando com a chegada dos americanos à praia, as Forças Armadas Japonesas lançariam uma campanha de ataques utilizando a sua Marinha para causar o máximo de destruição possível antes que os navios aliados pudessem chegar às praias, com a intenção principal de atingir soldados e equipamentos. O objetivo era causar uma falha no pouso e evitar que os soldados aliados chegassem à praia. Mesmo com um desembarque bem-sucedido nas praias, o Japão acreditava que o número de pesadas baixas que causaria no mar, combinado com as baixas nas praias, seria suficiente para que os Estados Unidos dissuassem os seus planos e perdessem a motivação. Seria um dos erros decisivos que o Japão assumiria em relação aos Estados Unidos e à determinação do país em forçar o Japão a uma rendição incondicional.

Ao longo das fases finais da guerra nos Estados Unidos, o sentimento anti japonês ainda foi um fator importante que motivou os jovens a se alistarem na guerra e a terem motivos pessoais para querer atacar o Japão. Embora o medo da morte fosse um sentimento óbvio para aqueles que não queriam que a invasão das ilhas ocorresse, muitos tinham motivos para acreditar que seria uma operação militar de vingança pelos ataques de Pearl Harbor e uma resposta às vidas americanas perdidas durante a segunda Guerra Mundial. Isto está directamente relacionado com a questão da vontade dos militares americanos e da possível previsão de que mesmo com pesadas baixas, tanto em cenários de perdas previstas como possivelmente de mais perdas do que as estimadas, os Estados Unidos teriam prosseguido e continuado a sua campanha, resultando em milhares de mortes para os Estados Unidos e milhões para o Japão.

De volta ao Japão, o governo prosseguiu com o seu apelo aos cidadãos para que se preparassem para um ataque à sua terra natal contra os invasores estrangeiros dos Estados Unidos, formando essencialmente uma milícia de cidadãos composta por todos os homens, mulheres e crianças qualificados que pudessem lutar (Resistência Nacional Programa). Todas as pessoas se qualificaram, desde que pudessem ficar de pé e não tivessem nenhuma deficiência. Esses cidadãos seriam armados pelo governo com o que estivesse disponível. Rifles de serviço, espadas e até varas de bambu. Eles seriam informados de que os americanos eram estupradores e canibais que cometeriam atrocidades ao Japão, caso atingissem o objetivo de assumir o controle do Japão. Ao convencer o público disto através de meios de propaganda, a ideia de resistência até à morte, juntamente com o sacrifício em nome do imperador, surgiu como uma vantagem para a mão-de-obra do Japão através da unificação. Esta fase tornar-se-ia a última posição do Japão nos seus esforços de defesa, conhecida como Operação Ketsu-Go.

Durante os preparativos do Japão para a Operação Ketsu-Go, dividida em fases de agosto até o eventual lançamento da Operação Downfall, planejada para novembro de 1945 para contra-atacar os desembarques em Kyūshū. Todos os generais japoneses mostraram apoio à resistência e relutância em aceitar qualquer outro resultado que não fosse a defesa do seu país de origem. Um general japonês, Yoshijiro

Umeze, estabeleceria a posição do governo sobre a resistência e o sacrifício total do Imperador do Japão contra os Estados Unidos ao dizer a famosa frase: “Se fosse necessário que o Japão deixasse de existir como nação, era a coisa certa a fazer. em vez de manchar a reputação do exército” (UMEZE, Yoshijiro). Para os indivíduos que criticam que as bombas atômicas foram lançadas injustamente devido ao Japão ter considerado a rendição pouco antes de as bombas serem lançadas, era uma verdade inevitável que o objectivo do Japão era lutar até que a sua existência deixasse de existir, com o resultado final sendo cair em honrar, em vez de se render e ser humilhado.

A ideia de o povo japonês ser levado a acreditar que os soldados americanos eram todos maus não seria a primeira vez que seria usada para convencer a oposição de que a América era o inimigo. Os Estados Unidos, ao manterem soldados japoneses em cativeiro durante as primeiras fases da Segunda Guerra Mundial, ficariam muito surpresos ao descobrir como era fácil obter informações e interrogar os prisioneiros, devido ao fato de eles nunca terem recebido qualquer treinamento formal de resistência ao interrogatório ou dando informações ao inimigo, já que seu único objetivo era causar o máximo de destruição possível ao inimigo e, eventualmente, encontrar o seu fim através da morte. Os aviões *Tokko* seriam abastecidos com combustível suficiente para uma viagem só de ida, que provavelmente não retornaria. Não houve alavancagem de possível sobrevivência. Embora alguns sobrevivessem a acidentes de avião, isso foi visto como um acto vergonhoso, muitas vezes em casos executados se estes soldados conseguissem regressar à sua terra natal. Os soldados japoneses capturados também ficariam surpreendidos por receberem tratamento adequado e enfrentarem julgamentos justos no sistema judicial, ao contrário das mentiras que o seu próprio governo lhes diria que aconteceriam se fossem apanhados.

CHEMICAL & HUNGER WARFARE

Entre as considerações de ataques para forçar o Japão a uma rendição incondicional, a consideração de um ataque químico surgiu como uma possibilidade durante este período, mesmo com o existente Projeto Manhattan, liderado por Robert Oppenheimer. A ideia foi proposta ao presidente americano, Truman, de que uma possível alternativa não-combatente de lançar uma campanha de ataque químico estivesse sendo considerada. Neste plano, seria realizada uma combinação de ataques estratégicos e de recursos às culturas para prejudicar a agricultura do Japão e forçar a sua população a reconsiderar a sua estratégia de resistência. Segundo Richard B. Frank, a opção de lançar um ataque químico chegou à mesa de Truman para aprovação, mas seria vetada pelo presidente. O ato também permaneceu impopular entre a administração e os comandantes militares, não sendo completamente descartado, mas permanecendo, no entanto, uma opção alternativa em cima da mesa. Em vez disso, a consideração de ataques químicos às bases das forças armadas japonesas foi considerada uma melhor tática de ataque.

Durante este período, os Estados Unidos estavam cientes de que o Japão não era capaz de responder com ataques químicos próprios. Não só não possuindo meios de contra-ataque, mas sabendo que o Japão em geral não tinha meios de ataque além de usar cidadãos e lutar com os recursos das suas forças armadas. Como os Estados Unidos não faziam parte do Protocolo de Genebra, não foram impedidos de tornar possível este ataque. Isto abriu a possibilidade para uma nova alternativa: formar um bloqueio para matar o país de fome diretamente, cercando o país e impedindo todas as importações e exportações. Impulsionada pela Marinha dos Estados Unidos, surgiu a ideia de que matar o país inteiro de fome pouparia os riscos de fracasso.

O Japão já estava morrendo de fome e fortemente dependente da importação de alimentos. Os seus cidadãos, praticamente quase sem comida, tornaram-se esmagadoramente dependentes do governo para a distribuição do consumo diário. Rico era uma força que o Japão tinha em grande número, mas não o suficiente para dar à sua população as necessidades nutricionais adequadas para se manter saudável.

A Operação Fome foi um fator importante nesta crise alimentar. Os Estados Unidos lideraram aquela que é provavelmente uma das campanhas militares estratégicas mais eficazes e bem sucedidas na guerra económica. Afundando quaisquer navios que transportavam mercadorias importadas com mais de 1.000 toneladas, a Marinha estabeleceu efetivamente a abordagem correcta para levar a cabo um bloqueio naval proposto em torno do Japão para matar o país de fome até à sua rendição.

O Presidente Truman tinha agora a opção da fome como meio de guerra, mas não muito considerada como uma técnica séria, dada a quantidade de milhões de pessoas inocentes que morreriam. Ele e a sua administração sabiam que o Japão estava pronto para deixar todo o seu país morrer, desde que os militares pudessem permanecer no poder por mais algum tempo, mesmo que por mais algumas semanas. Nunca tendo sido invadido por um país estrangeiro até então, foi muito mortal contra a população japonesa. O Japão já estava paralisando economicamente com as campanhas de bombardeio e destruição de instalações industriais que produziam armas e equipamentos para os militares. Havia pouca oferta em quase tudo. Não houve necessidade de prosseguir com tal força que teve um resultado inevitável: um governo racionando a distribuição do seu abastecimento alimentar restante entre aqueles considerados críticos para o seu governo. Líderes políticos, funcionários do governo, comandantes militares e quaisquer outros representantes do governo. O resto, sendo os civis, seria deixado para lutar entre si por quaisquer outras fontes restantes de alimento. Um cenário insanamente inimaginável que teria tornado os Estados Unidos culpados de cometer um crime contra a humanidade por estarem conscientes do resultado final. Seria a punição contra um país inteiro. Vamos supor que o Japão eventualmente desistiu e se rendeu após um bloqueio naval bem-sucedido. Ainda haveria dezenas de milhões de mortos até então, nenhum deles sendo funcionários do governo.

Entre as considerações de ataques para forçar o Japão a uma rendição incondicional, a consideração de um ataque químico surgiu como uma possibilidade durante este período, mesmo com o existente Projeto Manhattan, liderado por Robert Oppenheimer. A ideia foi proposta ao presidente americano, Truman, de que uma

possível alternativa não-combatente de lançar uma campanha de ataque químico estivesse sendo considerada. Neste plano, seria realizada uma combinação de ataques estratégicos e de recursos às culturas para prejudicar a agricultura do Japão e forçar a sua população a reconsiderar a sua estratégia de resistência. Segundo Richard B. Frank, a opção de lançar um ataque químico chegou à mesa de Truman para aprovação, mas seria vetada pelo presidente. O ato também permaneceu impopular entre a administração e os comandantes militares, não sendo completamente descartado, mas permanecendo, no entanto, uma opção alternativa em cima da mesa. Em vez disso, a consideração de ataques químicos às bases das forças armadas japonesas foi considerada uma melhor tática de ataque.

Durante este período, os Estados Unidos estavam cientes de que o Japão não era capaz de responder com ataques químicos próprios. Não só não possuindo meios de contra-ataque, mas sabendo que o Japão em geral não tinha meios de ataque além de usar cidadãos e lutar com os recursos das suas forças armadas. Como os Estados Unidos não faziam parte do Protocolo de Genebra, não foram impedidos de tornar possível este ataque. Isto abriu a possibilidade para uma nova alternativa: formar um bloqueio para matar o país de fome diretamente, cercando o país e impedindo todas as importações e exportações. Impulsionada pela Marinha dos Estados Unidos, surgiu a ideia de que matar o país inteiro de fome pouparia os riscos de fracasso.

O Japão já estava morrendo de fome e fortemente dependente da importação de alimentos. Os seus cidadãos, praticamente quase sem comida, tornaram-se esmagadoramente dependentes do governo para a distribuição do consumo diário. Rico era uma força que o Japão tinha em grande número, mas não o suficiente para dar à sua população as necessidades nutricionais adequadas para se manter saudável. A Operação Fome foi um fator importante nesta crise alimentar. Os Estados Unidos lideraram aquela que é provavelmente uma das campanhas militares estratégicas mais eficazes e bem sucedidas na guerra económica. Afundando quaisquer navios que transportavam mercadorias importadas com mais de 1.000 toneladas, a Marinha estabeleceu efetivamente a abordagem correcta para levar a cabo um bloqueio naval proposto em torno do Japão para matar o país de fome até à sua rendição.

O sofrimento e a duração necessários para alcançar uma vitória aliada representavam um esforço excessivo para o quão prejudicial seria para os civis. A visão de Truman de uma vitória curta e rápida não se alinhava de forma alguma com esta estratégia, dado que o tempo estimado seria de um pouco mais de 9 meses, no mínimo. Alguns previram que a fome ocorreria em 1947. Isso eliminou qualquer possibilidade de a operação acontecer, apesar de ter sido considerada. Para os americanos, foi uma alternativa melhor quando comparada à Operação Downfall, mas como dito antes, a punição da população civil.

NEGOCIAÇÕES FALHADAS

Quando é apresentada a ideia de qualquer outra resolução para ter evitado as bombas atômicas, os réus da bomba atômica recorrem à alegação de milhões de japoneses que morreram nos seus esforços de resistência, mas a tentativa do Imperador Hirohito de acalmar a escalada e alcançar a rendição é muitas vezes ignorada. . Uma figura muito importante foi o recém-empossado primeiro-ministro Kantaro Suzuki, que lideraria os esforços de mediação para as guerras ocorridas. Sentado ao lado do Imperador Hirohito no governo durante estes meses cruciais de tomada de decisões, ele testemunhou a atitude de Hirohito comportar-se muito diferente da dos comandantes militares do Imperador. O Imperador Hirohito enviou um representante pessoal à União Soviética, numa tentativa pessoal de alcançar a paz com as Potências Aliadas. A sua intenção era usar a União Soviética como mediadora. O que Hirohito não sabia naquela época era que Joseph Stalin e a União Soviética tinham intenções próprias de declarar guerra ao Japão.

Os Estados Unidos, em coligação com o Reino Unido e a China, emitiram o seu apelo formal à rendição incondicional do Império do Japão. Nas salas de negociação, numerosos comandantes militares japoneses seniores negavam, evidentemente, a possibilidade de rendição e insistiam fortemente na continuação dos esforços de resistência até à morte, insistindo em prosseguir com o plano estabelecido. Hirohito sabia que o resultado para o futuro do Japão seria a ruína total, admitindo abertamente

que a sua nação precisava de uma saída disto, para terminar a guerra. Veio a contraproposta do Japão, para negociar a possibilidade de rendição aos Estados Unidos, sob a condição de que o imperador Hirohito permanecesse à frente do Japão. As críticas surgem nas acusações de que os Estados Unidos não cumpriram com os bombardeios de qualquer maneira, mas na realidade, torna-se necessário entender por que os Estados Unidos rejeitaram quaisquer negociações que o Japão oferecesse sobre a mesa.

Em primeiro lugar, o estado de poder do Imperador Hirohito incluía atuar como chefe das forças armadas. Isto traduziu-se na não desmilitarização do Japão, na não ocupação da nação por estrangeiros e na manutenção do seu sistema de funcionamento como se já estivesse em funcionamento. Isto também inclui julgamentos de crimes de guerra realizados pelo governo japonês. Não houve outras considerações que desistissem do trono do Imperador e os Estados Unidos simplesmente não puderam aceitar estes termos. Este não seria o primeiro esforço fracassado para fazer a paz durante a Segunda Guerra Mundial, já que o presidente Roosevelt e o primeiro-ministro Fumimaro Konoye tentaram mediar negociações de paz em 1941 (ADST), nos esforços para acabar com as sanções petrolíferas impostas ao Japão como retaliação inicial para o ataque a Pearl Harbor. No final, as negociações fracassaram, mas, em retrospectiva, os padrões de postura e atitude mostraram a mente aberta do Imperador Hirohito para manter considerações sobre todas as alternativas, incluindo a rendição.

Em segundo lugar, a sua posição de poder concedeu-lhe uma posição elevada de poder sobre o povo, mas não necessariamente sujeita a imunidade ou imperfeição relativamente aos seus comandantes e à ação governamental dentro do conselho. Ele foi frequentemente criticado por permanecer silencioso em certos assuntos relacionados à guerra e por se opor consistentemente a planos e ações com os quais não concordava quando os considerava “cometidos injustamente”. O imperador foi consistente. Ele apoiou a guerra durante a guerra, celebrando vitórias e lamentando derrotas. Ele apoiou a paz após a derrota e falou da sua própria responsabilidade. Ao

longo de seu reinado, ele refletiu e respondeu às tendências da época, em vez de direcioná-las fortemente ou contradizê-las (GLUCK, 2019).

Antes dos ataques do Japão a Pearl Harbor em 1941 contra os Estados Unidos, o Imperador Hirohito expressou o seu sentimento de descontentamento, dizendo “É nada menos do que uma guerra autodestrutiva” (HIROHITO, Michinomiya). O sistema de governo do Japão funcionou sob o Conselho Supremo de Guerra em meio à guerra. Formada por seis integrantes, três queriam a paz. Estes três membros procuraram a paz, mas, novamente, no mesmo processo de pensamento dos generais de Hirohito: na medida em que os Estados Unidos concordassem com as exigências nas quais o governo japonês insistia. Os outros três membros opuseram-se a tal consideração de negociação. A palavra de Hirohito foi crucial para a tomada de decisões e influência, mas ele sabia que expressar a sua desaprovação em prolongar a guerra, a fim de esperar um acordo de barganha a longo prazo com as Potências Aliadas, resultaria no seu confronto com o seu próprio governo. A posterior tentativa de golpe de Yūjō contra ele provaria que essa afirmação era verdadeira.

Um outro argumento apresentado é a co-aliança propositadamente evitada que Truman poderia ter formado ao lado da União Soviética para assinar um tratado que declarasse a exigência da rendição incondicional do Japão. Historiadores revisionistas argumentam que o acto de utilização de armas nucleares contra o Japão surgiu com a intenção de deixar de fora a União Soviética, a fim de obter o crédito exclusivo pelo sucesso da operação militar. Além disso, os líderes americanos ficariam sabendo das negociações em andamento entre o Japão Imperial e a União Soviética. Tal como mencionado anteriormente, que Hirohito daria o primeiro passo nas negociações diretamente com os soviéticos, pode-se chegar à conclusão de que os Estados Unidos estavam desesperados para evitar tais soluções e chamar toda a atenção para a conveniência política.

BOMBARDEIOS ATÔMICOS DE HIROSHIMA E NAGASAKI

Sem outra alternativa que poupasse mais vidas, o presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, autorizou a luz verde para lançar a primeira bomba atômica. Apelidada de “Little Boy”, a primeira bomba foi lançada sobre a cidade de Hiroshima, em 6 de agosto de 1945, por um avião bombardeiro B-29. Após recusa de rendição, disposição para lutar e continuação de ser uma ameaça existencial, Hiroshima sofreu detonação às 08h15, explodindo em cima da população civil da cidade. Isso levaria à morte de cerca de 70.000 pessoas na estimativa de números baixos e 140.000 na estimativa de números altos (WELLERSTEIN, 2020). Entre esses números estão outras estimativas. No dia seguinte, a União Soviética declarou guerra ao Japão. Ainda sem vontade de se render, os Estados Unidos lançaram uma segunda bomba atômica, “Fat Man”, sobre a cidade de Nagasaki no dia 9 de agosto, 3 dias após a primeira bomba. Uma estimativa baixa de 40.000 mortos foi contada, com 70.000 mortos para uma estimativa alta.

Aqueles que morreram nestes bombardeamentos também incluíram prisioneiros de guerra chineses, coreanos e americanos que não seriam resgatados e, em vez disso, mortos juntamente com a população japonesa. Embora seja vergonhoso que os Estados Unidos não cumpram a sua política militar de “Nenhum homem deixado para trás”, que foi integrada no dever do país de trazer de volta para casa todos os homens e mulheres que estão presos no estrangeiro no campo de batalha, tornar-se-ia novamente um argumento onde os seus sacrifícios eram necessários para o melhor resultado de seus colegas militares que, de outra forma, teriam sido massacrados às centenas de milhares na Operação Downfall. Embora as acusações de assassinato de seus próprios soldados pelo governo dos EUA pudessem ser debatidas, há pouca ou quase nenhuma dúvida de que os prisioneiros de guerra americanos estavam prontos para dar a vida por um cenário em que a guerra terminasse com a derrota japonesa e as vidas poupadas de milhões. Eles saíram de casa e se alistaram, cientes das consequências.

O Império do Japão se renderam 6 dias após o segundo bombardeio, em 15 de agosto de 1945. Se o Imperador Hirohito não tivesse anunciado a rendição e seguido a mentalidade de seus comandantes, o Japão teria testemunhado uma terceira bomba atômica. Apelidado de “Gadget”, era mais poderoso na detonação, mais eficiente no alcance e mais letal na força de destruição do que Little Boy em Hiroshima. Estava programado para ser lançado no Japão em 19 de agosto. Devido à intervenção de Hirohito para emitir o chamado de rendição, todos os planos foram cancelados. Antes do cancelamento, o Presidente Truman insistiu que não seriam realizados mais bombardeamentos sem a sua aprovação directa, restabelecendo mais uma vez a ideia de que não se tratava de vingança, mas de estratégia de guerra.

Alguns argumentam que os Estados Unidos lançaram a segunda bomba desnecessariamente porque o Japão precisava de mais tempo para tomar uma decisão final ou porque já planejavam render-se por medo, quando na realidade isso não era verdade. O incidente Kyūjō é uma das conclusões mais importantes disso. Provou que alguns ainda desaprovavam a mais alta autoridade do governo. Demonstrou ainda mais que o futuro do Japão teria sido diferente, se a política e a honra não tivessem interferido na tomada de decisões que envolviam preocupações humanitárias.

Depois de ter testemunhado duas das suas principais cidades serem bombardeadas com a maior arma nuclear alguma vez criada naquela época, que matou mais de cem mil pessoas, a planeada declaração de rendição de Hirohito causou uma tentativa de golpe militar na noite de 14 de Agosto. Seria, conseqüentemente, a última noite da Segunda Guerra Mundial. Liderados pelo Major Kenji Hatanaka do Japão Imperial, seus objetivos eram impedir a ocupação de estrangeiros no Japão através da falsificação de documentos oficiais, convencer o alto comando do Exército Imperial a unir esforços, contando-lhes sobre um plano que outros batalhões haviam concordado após e posteriormente prender o Imperador Hirohito enquanto ocupava o Palácio Imperial. Durante a tentativa de convencer o Alto Comando do Exército Imperial, o Tenente General Takeshi Mori da Primeira Divisão da Guarda Imperial recusou-se a fazer parte da rebelião do Major Kenji Hatanaka. O General Mori foi morto a tiros por causa de sua lealdade e instinto em considerar as

ações do Major Kenji Hatanaka como falsas. Procederam à autorização da Ordem Estratégica da Divisão da Guarda Imperial nº 584, implicando a ocupação do Palácio Imperial. A ocupação do palácio foi uma estratégia simbólica para fazer com que o resto do Exército Imperial acreditasse na sua causa. Após tentativas desesperadas de convencer através do rádio e da voz, os esforços do Major Hatanaka foram encerrados. Ele cometeria suicídio, pondo fim a qualquer tentativa de golpe contra o imperador Hirohito.

Este momento é marcado como um exemplo de como não se tratava necessariamente de querer morrer pelo futuro desocupado do Japão, mas sim pela honra do comando e lealdade à sua causa. Se a autorização de rendição de Hirohito tivesse chegado mais cedo ou com maior clareza de que Hirohito desaprovava a ideia de resistência total, as suas unidades militares comandantes teriam honrado tal ordem. Apesar de debater na mesa, em menor número, sobre a continuação da luta de resistência, as mortes dos oficiais comandantes Mori e Shiraishi estabeleceram o dever de plena honra de lealdade do Exército Imperial. Estes funcionários poderiam ter discordado pessoalmente das considerações de Hirohito de parar a guerra e render-se, mas proibiram que as suas políticas pessoais atrapalhasse o julgamento quando solicitados a virar as armas contra o seu líder, enquanto uniformizado, para preservar o código de honra da sua nação. Simplificando, algumas das piores coisas imagináveis foram feitas com as melhores intenções (NIELL, Sam).

OPINIÕES PERSONAIS

Covardia cultural. Hipocrisia escondida. Santidade mal interpretada. Três termos que definem perfeitamente a espinha dorsal desta ocorrência histórica que sangra a ignorância japonesa. Lembrando que a maioria das mortes causadas pelas bombas atômicas foram mortes de civis, as suas mortes não devem ser ignoradas. Eles são uma lembrança da existência do Japão no mundo atual. Eles morreram como mártires por acreditarem que estavam realizando o ato honroso de defender um país que se acreditava ser a raça superior entre a raça asiática. Eles são um lembrete para a

humanidade quais são as consequências quando uma nação, praticando a lealdade e a honra, se reveste de terrorismo de Estado e de covardia cultural. Este terrorismo de Estado e covardia cultural categorizavam a preservação de um Estado perante o seu povo. Proteger-se do controle externo, estando disposto a oferecer os mais vulneráveis na linha de frente, os idosos e as crianças. Esse é um dos atos de covardia mais elevados e imperdoáveis. Vergonha de covardia.

Devido ao bom senso do Imperador Hirohito de pôr fim à resistência invencível do Japão, o Japão não deixou de existir. Eles tiveram misericórdia ao permitir Hirohito permanecesse no poder, a fim de manter o cumprimento das Forças Armadas do Japão, apesar de estar sob controle total dos Estados Unidos. Eles demonstraram cooperação para manter a ordem e a conformidade. A maioria dos países teria feito as coisas à sua maneira, independentemente de como a imagem do Imperador surgiu. A negligência e a ignorância do lado do Japão mataram o seu próprio povo. A sua população sofreu os efeitos a longo prazo das bombas. Muitas linhas de árvores genealógicas foram destruídas. Mas muitas linhas de árvores genealógicas continuaram. Muitos descendentes moram no exterior ou vêm de origem japonesa que teriam suas vidas completamente diferentes. Indivíduos que frequentemente argumentam contra a bomba acabariam por não existir no mundo de hoje.

Olhando para trás, para todos os cenários possíveis para a segurança da população civil, inúmeras pessoas permanecerão e condenarão todas as ações que envolvam os bombardeamentos. Expressaram irregularidades por parte dos Estados Unidos e citarão o acto de vingança pelos acontecimentos de Pearl Harbor como a motivação dos bombardeamentos. Que um ataque surpresa a soldados não justifica um ataque a uma população civil. Esquerda e direita, argumentos aqui e contra-argumentos ali. Um ciclo interminável de disputas discutíveis que levam a um beco sem saída quando olham para outro lugar quando se deparam com as alternativas horríveis que eram as opções restantes. A hipocrisia oculta.

A motivação para esta análise é o desejo de deixar o leitor pensando em quão complicada a situação realmente era. Não foi uma escolha simples. Qualquer que fosse

a escolha, as pessoas teriam morrido. Os civis teriam sofrido. Talvez muito maior do que o que a bomba causou naquele momento e depois. Talvez no futuro haja um argumento sobre como os Estados Unidos erraram, que seja compreensível através das lentes da estratégia que teria poupado a vida dos cidadãos em muito mais números do que qualquer outra alternativa militar.

É importante lembrar que o mundo teria testemunhado o maior massacre de assalto militar da história da humanidade, não fosse pelas bombas atômicas lançadas contra o Japão. O que é considerado atroz e horrível para os desembarques na Normandia teria sido dez vezes pior com a Operação Downfall em todos os aspectos. O campo de batalha. Quase 1.531.000 corações roxos (GIANGRECO, DM) uma medalha de honra para soldados feridos ou mortos durante o serviço. Com a quantidade de vidas americanas perdidas na Operação Downfall, as guerras seguintes, incluindo as campanhas no Vietnã, Guerra do Golfo, Afeganistão, Síria, Iraque, Coreia e outras guerras, ainda não foram suficientes para esgotar o número de medalhas de coração roxo que se destinavam à invasão do Japão em todos os ramos das Forças Armadas dos Estados Unidos. Eles ainda estão sendo usados hoje.

Não há uma estratégia militar discutível, dentro e fora daquelas apresentadas neste artigo, que mostre a preservação de vidas dentro de todas as Forças Aliadas designadas para chegada, a redução do sofrimento e do número de vítimas de vidas japonesas perdidas inferior ao das bombas atômicas em Hiroshima & Nagasaki, e o cenário de acordo para a rendição do Japão sem resistência que permitisse a ocupação de forças estrangeiras. Nenhum. Isto pode permanecer para sempre um tema debatido sobre se os bombardeamentos foram a opção menos imoral, mas ainda há uma estratégia melhor a ser apresentada que atingiu todos os três objetivos mencionados acima com menos de aproximadamente duzentas mil vidas de civis que as bombas ceifaram.

De todas as campanhas militares alternativas que teriam sido escolhidas, os civis japoneses foram as únicas vítimas neste cenário. Era uma questão de quantos, não se todos poderiam ser salvos. Muitos rapidamente alegam genocídio e concluem

que o actor, sendo os Estados Unidos, é o perpetrador que apenas procurou mostrar ao mundo que foi o melhor de todos dentro das nações. Para mostrar ao mundo a super capacidade que possuía através de armas nucleares. Nestes argumentos apresentados, quase ninguém menciona a ignorância do governo japonês quanto ao fracasso condenado. Ninguém menciona a utilização da sua população civil como meio de preservar o Estado contra qualquer invasor estrangeiro. Nenhuma menção a atos de covardia. A perpetração do terrorismo de estado do governo japonês. A mentalidade comum de que muitos japoneses acreditavam ser a raça asiática superior. O simples objetivo de se colocarem em extinção por motivos de honra. Santidade mal interpretada.

As bombas atômicas utilizadas na esperança de garantir a rendição do Japão antes que a União Soviética pudesse entrar na Guerra do Pacífico não justificam a sua utilização. Uma vitória rápida e rápida dos Estados Unidos não justifica a sua utilização. A utilização de armas nucleares para instalar medo e poder no seu inimigo não justifica a sua utilização. Foi justificado por ser a solução estratégica menos imoral durante o segundo conflito mais caro da história em vidas humanas, com a escolha menos abominável (STIMSON, Henry Lewis) para alcançar os melhores meios para uma rendição incondicional a um resultado final já conhecido, se feito. então caso contrário. No final, a iniciativa japonesa à União Soviética não produziu resultados porque Tóquio não fez concessões firmes (CURLEY, Robert).

Para encerrar, um segundo-tenente americano desconhecido de 21 anos, depois de saber que a Operação Downfall foi cancelada por causa dos bombardeios em Hiroshima e Nagasaki, falou o seguinte: “Quando as bombas caíram e começaram a circular notícias de que [o afinal de contas, a invasão do Japão não aconteceria, que não seríamos obrigados a correr pelas praias perto de Tóquio disparando ataques enquanto éramos morteiros e bombardeios, apesar de toda a falsa masculinidade de nossas fachadas, choramos de alívio e alegria. Nós íamos viver. Afinal, íamos crescer até a idade adulta” (BARD, Ralph A).

Referencias

Department of the Army, Office of the Chief of Military History, *Homeland Operations Record, Japanese Monograph No. 17*, (October 1945), 55. Available on: <https://apps.dtic.mil/sti/tr/pdf/ADA211740.pdf> Accessed on November 15 of 2023.

V Amphibious Corps, *Appendix 3 to Annex C, Operation Plan, Occupation of Japan*, 30 November 1945, 17. Accessed on November 16 of 2023.
<https://irp.fas.org/eprint/arens/chap4.htm>

JFSC - **WWII Declassified Records**, *Staff Study Operations Coronet*, United States Army Forces, 15 August 1945. Available on: <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA637723.pdf> Accessed on November 18 of 2023.

POLMAR, Norman. U.S. Sixth Army, "Medical Service in the Asiatic and Pacific Theaters," unpublished manuscript, Chapter XV (U.S. Army Center of Military History).
<https://www.usni.org/magazines/proceedings/1995/august/invasion-most-costly>
Accessed on November 18 of 2023.

Gen. Marshall message to Gen. MacArthur are from Gen. Marshall to Gen. MacArthur (Personal) 19 June 1945, WD 1056 (MacArthur Archives).
Accessed on November 18 of 2023

GLUCK, Carol. Hirohito's thoughts on the War. 13 September 2019. Available on: <https://asia.nikkei.com/Opinion/New-Hirohito-documents-show-emperor-s-thoughts-on-the-war> Accessed on November 19 of 2023.

WELLERSTEIN Alex, "How many people died at Hiroshima and Nagasaki?," The Nuclear Secrecy Blog, August 4, 2020. Accessed on November 19 of 2023.

BARD, Ralph A. Undersecretary of the Navy, to Secretary of War Stimson, June 27, 1945. Harrison-Bundy Files, RG 77, National Archives, Washington, DC. Available on: <https://www.atomicarchive.com/resources/documents/manhattan-project/bard-memo.html> Accessed on November 20 of 2023.